



Ana Luísa e Valmir
falam do movimento
eleitoral no CEUB,
uma universidade
onde a direção evita
a presença de candi-
datos

Um eleitorado consciente

Ao contrário da UnB, nas duas noites (quarta e quinta) em que percorremos os corredores do Ceub não encontramos nenhum adepto do voto nulo. Um professor, que pede para não ser identificado, explica que "os alunos daqui, em sua grande maioria trabalham de dia, o que lhes dá uma consciência eleitoral mais perto da realidade, ao contrário dos filhinhos de papai". Definição correta ou não, a verdade é que o repórter notou uma identificação política mais intensa naquela universidade, talvez pelo aconchego físico do "campus", exatamente o oposto ao da Universidade de Brasília. E enquanto o DCE e os Centros Acadêmicos da escola oficial tentam agora montar suas antigas infra-estruturas políticas através de eleições internas, os CAs da entidade particular estão em pleno funcionamento, resumindo a sua ação no Diretório Central dos Estudantes.

"O DCE não apóia ninguém em particular. Mas um dos compromissos da nossa chapa é que dariamos/apóio a candidatos integrados e identificados com a luta popular", diz o presidente da entidade, Valmir Vitorio Filho, de 23 anos, nascido em Mato Grosso do Sul e radicado em Brasília há 16 anos. Aluno do 7º semestre de História, com mandato até setembro do ano que vem, ele contorna a proibição da direção de sua universidade promovendo uma série de três debates sobre Constituinte.

"A gente convidou candidatos

do PDT, PFL e PMDB. Só quem compareceu foi o Maurício Corrêa e o Pedro Teixeira. Valmir Filho se recusou a vir — compareceu Valmir.

Muito embora a taxa de voto nulo não esteja na pauta dos estudantes do Ceub, Valmir Vitorio lamenta que esse expediente esteja sendo cogitado justamente pela juventude estudantil:

"Existe o poder econômico dando respaldo a vários candidatos. Daí a importância do voto consciente. Que a pessoa não só vote, mas também se integre nos comitês de candidatos que tenham uma boa proposta de candidatos sérios. O voto nulo pode ser uma forma de protesto, mas que no final acaba respaldando o poder repressor, favorecendo os conservadores e garantindo a manutenção do poder".

Mas quem faz a melhor avaliação da proposta do voto nulo é a bonita gaúcha, de 29 anos, Ana Luísa Sallas, professora de Antropologia:

"Não é falta de consciência política, não. O voto nulo é um indicador da descrença do povo no sistema vigente. O modelo de Constituinte, por exemplo, todos esperavam que fosse Constituinte congressual e não esse que está aí. Acho que as pessoas estão absolutamente descrentes de que uma eleição vá mudar alguma coisa. Mas foi a própria atuação da Câmara e do Senado que as levou a essa desilusão política.